



MAURÍCIO
WALDMAN

A força do agronegócio brasileiro na África

A diplomacia brasileira empenha-se desde os anos 1980 num papel atlântico para a política externa. Implicando no reforço dos elos internacionais e econômicos com a África, a iniciativa explicita-se claramente na evolução da balança de comércio bilateral.

Em números, as trocas Brasil-África somaram US\$ 28,5 bilhões, em 2013, valor superior em 22,9% a 2012, quando o comércio atingiu US\$ 26,5 bilhões. Evoluindo 416% no decênio 2002-2012, o intercâmbio Brasil-África contabilizou 5,92% da carteira de comércio exterior brasileira de 2013.

Porém, retenha-se que apesar do muito que tem se falado a respeito das relações Brasil-África, pouco é divulgado a respeito do perfil deste comércio. Neste recorte é interessante sublinhar que, no geral, quando as pessoas arriscam palpites a respeito das trocas que atravessam o Atlântico, repetidamente a noção predominante é a de que o Brasil envia para a África produtos industrializados recebendo em troca toda sorte de matérias-primas. Contudo tal ideia é inverídica e, portanto, passível de reparos e correções.

Uma nota de destaque é que a orientação do comércio bilateral tem permanecido essencialmente a mesma nas últimas décadas. No referente aos produtos enviados pelos países africanos para os portos brasileiros, tradicionalmente o petróleo ocupa posição de proa.

Para conferir, basta consultar as planilhas oficiais brasileiras. Para o primeiro semestre de 2013 estas anotaram óleos brutos de petróleo, gás natural liquefeito, nafta e derivados no topo do rol das importações. É assim que satisfazendo a demanda nacional por hidrocarbonetos, Nigéria, Argélia, Angola e Guiné Equatorial somaram em 85,16% do comércio brasileiro a partir da África.

Por outro lado, numa informação que poderia a muitos surpreender, os manufaturados não correspondem ao carro chefe das exportações do Brasil. A saber: açúcar, fumo, leite, arroz, café, milho, soja, carnes bovina, suína, de peru

e de frango, assim como vários outros suprimentos, hoje, inseparáveis da mesa de milhões de africanos, constituem o principal leque de artigos brasileiros consumidos na África.

Reconhecidamente, o agronegócio se sobressai no elenco dos 13 principais produtos da pauta de bens importados pela África. Em valor, responderam por 57,12% dos despachos com timbre verde-amarelo. Mais interessante ainda é a fatia correspondente às sacaroses: 35,43% do total.

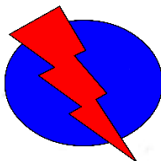
No referente a Angola – considerado país-chave pelo Itamaraty – o quadro repete os principais nexos já expostos. As estatísticas esclarecem que, em 2012, Angola foi a quinta origem das importações brasileiras dentre os países da África Negra, com o ouro negro praticamente monopolizando o total das aquisições.

Em contrapartida, o Brasil encaminhou para o mercado angolano açúcar e proteína animal de origem bovina, suína e de aves, itens que representaram 41,42% dos despachos brasileiros. Não seria demasiado rubricar, Angola se afirma cada vez mais como cliente do agronegócio brasileiro. É praticamente impossível deixar de notar marcas agrícolas brasileiras nas quitandas deste país.

Neste prisma, contrariando difuso senso comum, o Brasil está distante do papel de nação industrializada que retribui suas compras no exterior com manufaturados. Pelo contrário, a lista de bens industrializados na pauta das exportações é bastante modesta.

Para conferir, atente-se que dentre os 20 principais artigos exportados nos seis primeiros meses de 2013, as mercadorias eminentemente industrializadas contabilizaram somente 4,68% do total. Do que foi colocado, infere-se não apenas a representatividade do agronegócio em termos propriamente econômicos. Mas, também seu impacto estratégico e geopolítico. Aferições estas, raramente lembradas.

EDITORA KOTEV



Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

<https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1>

